

Historiografia de Hernán Cortés: o Conquistador (?)

Historiografia de Hernán Cortés: O Conquistador (?)

Historiography of Hernán Cortés: The Conqueror (?)

Historiografía de Hernán Cortés: El conquistador (?)

Carlos Eduardo da Rocha Balbino¹
Letícia Gonçalves²
Maria Eduarda Câmara³
Roberta Teixeira Antunes⁴

67

Resumo

Este artigo acadêmico apresentará Hernán Cortés - o conquistador, em suas diversas faces, como, por exemplo, destruidor e criador. Uma vez que, destruiu o Império Asteca, contudo, ajudou a dar origem ao povo mestiço do México. Baseando-se em cartas, relatos, memórias, diários do período e obras do séc. XIX, além da historiografia contemporânea. O objetivo não será se posicionar de um lado (civilizador, genocida ou meio termo), mas sim, apresentar essa personalidade histórica. Até mesmo porque, não há verdade absoluta, ela é subjetiva e vai de encontro com a visão de mundo de cada um. Exporemos os fatos ligados a ele, sem a pretensão de julgar, apenas para problematizar suas ações.

Abstract

This academic article will introduce Hernán Cortés - the conqueror, in his different faces: destroyer and creator. It destroyed the Aztec Empire, however, it helped to give rise to the mestizo people of Mexico. Based on letters, reports, memoirs, period diaries and century works XIX, in addition to contemporary historiography. The objective will not be to take a stand on one side (civilizing, genocidal or middle ground), but rather to present this historical personality. Even because there is no absolute truth, it is subjective and meets the worldview of each one. We will expose the facts related to him, without the pretense of judging, just to problematize his actions.

Resumen

Este artículo académico presentará a Hernán Cortés: el conquistador, en sus diferentes personalidades, como, por ejemplo, destructor y creador. Pues, destruyó el Imperio Azteca, pero, sin embargo, ayudó a originar al pueblo mestizo de México. Basándose en cartas, informes, memorias, diarios de época y obras del siglo XIX, además de la historiografía contemporánea. El objetivo no será posicionarse de un lado (civilizador, genocida o de mediano), sino presentar esta persona histórica. Incluso porque no hay una verdad absoluta, ella es subjetiva y completa con la cosmovisión de cada uno. Expondremos los hechos relacionados con él, sin la pretensión de juzgar, solo para problematizar sus acciones.

INTRODUÇÃO

1Graduando em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: carlos.balbino@aluno.ufop.edu.br

2Graduada em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: leticia.goncalves2@aluno.ufop.edu.br

3Graduanda em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: camaramaria948@gmail.com

4Graduanda em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: roberta.antunes@aluno.ufop.edu.br

Historiografia de Hernán Cortés: o Conquistador (?)

Hernán Cortés é um vulto histórico controverso, relacionado à Conquista do México (e de México-Tenochtitlán). Evento que se tornou o mais importante de sua vida, e lhe rendeu fama, para o bem ou para o mal.

Juntamente com Francisco Pizarro, Cortés foi um dos grandes protagonistas das expedições espanholas, durante o período da expansão marítima e, posteriormente, da Conquista do Novo Mundo. Interpretado por uns como herói, conquistador, civilizador, piedoso, estrategista, e outros, como, vilão, invasor, genocida, sanguinário e manipulador. Admirado ou odiado, não se pode questionar sua importância dentro da narrativa da Conquista do México.

UM OLHAR SOBRE A CONQUISTA DO MÉXICO

Em 1519, o governador de Cuba, Diego Velázquez, mandou o espanhol Hernán Cortés juntamente com um grupo de soldados estabelecer contatos com alguns grupos indígenas, a fim de, explorar o continente Americano. Inicia-se assim, um dos episódios mais violentos da história Americana, a conquista territorial que formaria a Nova Espanha.

Logo Cortés descobre a existência de outras regiões no interior da América, a chamada Confederação Mexica, composta pelas cidades de Tenochtitlán, Texcoco e Tlacopan.

Vale ressaltar que, os primeiros contatos entre europeus e mexicas, foram amistosos, mas logo os espanhóis arrumaram justificativas para iniciar uma guerra, segundo os mesmos em nome de Deus.

O historiador Eduardo Natalino (2014), ao trabalhar a conquista do México-Tenochtitlán, divide o período em quatro fases que serão apresentadas no decorrer do trabalho. A primeira fase ocorreu entre fevereiro a novembro de 1519, e é marcada pelos primeiros contatos entre os Castelhanos com os Tlaxcaltecas e os Totonacas. Em fevereiro do respectivo ano, Cortés chegara a Cozumel e, percorrendo a península Iucatã, possivelmente, teria recebido Malintzin de presente e fundado Vera Cruz.

A partir da conquista de Cortés, inicia-se as alianças com os indígenas, primeiramente os Totonacas, após, partem rumo a México-Tenochtitlán passando por Cholula e adentrando na região do Vale do México, estabelecendo novas parcerias com os Tlaxcaltecas.

A Segunda fase da conquista ocorre entre novembro de 1519 a junho de 1520. Nessa fase os castelhanos fazem mais parcerias com os indígenas. Ao chegar em México-Tenochtitlán, Cortés recebera a notícia que havia um conflito entre os Totonacas e os castelhanos, que não estavam de sua parte contra Cuauhopoca, senhor Nauhthan. Com essa informação o espanhol impõem a Moctezuma a morte de Cuauhopoca, o que acaba gerando o descontentamento das elites mexicas e aliados.

Em abril de 1520, o espanhol Pánfilo Narváez chegara ao continente a mando do governador Diego de Velázquez, a fim de, tomar o mando de Cortés, que partira do México-Tenochtitlán em direção ao golfo do México. Durante a ausência de Cortés, o espanhol Pedro de Alvarado ordenou um ataque aos mexicas, enquanto ocorria a festa de Toxcalt.

Historiografia de Hernán Cortés: o Conquistador (?)

Após Cortés derrotar Narváez, o mesmo toma conhecimento do ataque que Alvarado realizou contra os mexicas, estes, posteriormente ao ataque, conseguem cercar os espanhóis e aliados na parte central da cidade.

Diante disso, na noite de 30 de junho de 1520, os espanhóis e aliados tentam fugir no meio da noite, levando o máximo de riquezas, mas acabam sendo massacrados. O conflito resultou na morte de aproximadamente 1 mil castelhanos e 4 mil indígenas aliados, no episódio conhecido como: "*La Noche Triste*".

A terceira fase inicia-se após o episódio da "Noite Triste", e é marcado pela recomposição das tropas e ampliação das alianças entre castelhanos e indígenas. Ocorrendo entre julho de 1520 aos princípios de 1521.

A última fase da conquista ocorre entre maio a agosto de 1521, quando as alianças contra os mexicas crescem. Chegando a abranger quase todos os Altepepe (Unidade Política) ao redor do lago Texcoco.

Nesses dois anos de conquista do México, a guerra, a fome e as epidemias, foram responsáveis pela dizimação da população de México-Tenochtitlán, que foi reduzida a sua terça parte.

Após dezenas de anos, como que a população do atual México vê seu passado? Como a historiografia mexicana e a de outras partes do mundo trabalham esse período da história? Para o autor desse texto trabalhado, Eduardo Natalino (2014), as alianças entre castelhanos e indígenas, as guerras entre castelhanos e indígenas e as guerras entre indígenas e indígenas, foram igualmente constantes e importantes na história de constituição da Nova Espanha.

Partindo para as perspectivas cristãs, a conquista foi considerada uma vitória do cristianismo, algo que era a vontade de Deus e que deveria ser feito. Em 1596, os freis Toríbio de Benavente, o Motolinía e o Gerônimo de Mendieta, escreveram a história eclesiástica das Índias, onde descreveram a chegada dos irmãos Menores, como a saída do povo judeu do Egito. Logo, dentro dessa leitura, a conquista significava a derrota da idolatria e o início da peregrinação à terra prometida. Enquanto Cortés era como Moisés, responsável por libertar os astecas de sua servidão ao demônio.

O norte americano Willian Prescott (KALIL, 2019), viu a conquista como uma marcha da civilização rumo ao progresso, e questionou se alguém sentiria falta de uma sociedade sem ciência, como ele compreendia que era a sociedade asteca, justificando, assim, a guerra pelo avanço da ciência.

Por outro lado, para o povo mexicano a conquista foi e é vista como um momento de dor, em que reinou a violência responsável pela destruição de sua cultura, mas, em contrapartida, a conquista também é vista como a responsável pelo nascimento do México mestiço. Havendo com isso uma dualidade sobre a narrativa da conquista.

Historiografia de Hernán Cortés: o Conquistador (?)

QUEM FOI CORTÉS?

Nascido em Medellín, Espanha, Hernán Cortés de Monroy y Pizarro Altamirano (1485-1547), ainda jovem foi para a Universidade de Salamanca. Posteriormente, sonhando em ser grande, reconhecido, verdadeiramente nobre e inspirado por suas leituras de romance de cavalaria, aos 19 anos decidiu lançar-se ao mar, ao desconhecido. Era de uma família em decadência, mas para essa empreitada obteve apoio de seus pais.⁵

Chegando à Ilha de Hispaniola, atual região das Antilhas, começou a trabalhar como escrivão e agricultor. Pouco tempo depois, conheceu o conquistador Diego Velázquez de Cuellar, que o envolveu em tarefas militares em busca de conquistar a ilha. Por seus serviços, Cortés tornou-se prefeito da cidade de Santiago. Mais tarde, ele também se casou com Catalina Martins, oriunda de Granada. (PISSURNO, 2020)

Já no ano de 1519, recebeu a ordem de Diego Velázquez, agora governador de Cuba, para comandar uma expedição que tinha como objetivo proteger o interior deste vasto território, criar uma colônia, assim como, encontrar sobreviventes de outras duas expedições que partiram em busca de um Grande Império, mencionado pelos nativos, e que nunca mais voltaram.

À procura do Império Asteca, Cortés entrou em contato com vários povos indígenas. Sempre com o desejo de convertê-los ao cristianismo e torná-los vassalos do Rei da Espanha. Montezuma, o soberano asteca, por sua vez, tentava impedi-lo de chegar à capital, Tenochtitlán, em companhia de sua tropa multiétnica. Enviava-lhes ouro, mulheres e outros presentes de valor. Porém, em novembro de 1519, Cortés, juntamente com seus homens, chegaram à Tenochtitlán. Finalmente ele encontrou-se com Montezuma, sendo bem recebido.

Deslumbrado com as riquezas desse Império, tornou Montezuma seu prisioneiro. Por um período, teve que deixar a cidade, para resolver uma desavença com seu antigo aliado, Diego Velázquez. Ao retornar, encontrou Tenochtitlán em puro caos, no episódio conhecido como, "O Massacre do Templo Maior", que deu início à uma longa guerra entre espanhóis e aliados (negros e indígenas) contra os astecas e seus aliados nativos. Tentando pôr fim à batalha, planejou uma fuga da capital, no episódio já tratado anteriormente - "La Noche Triste". Os espanhóis e seus aliados, foram atacados duramente, e Cortés quase morreu.

Assim, Cortés buscou ajuda em cidades inimigas de Tenochtitlán, se reorganizou, recuperou suas forças e foi novamente para a batalha. Com boas estratégias, novos aliados e contingentes chegados da Espanha, conseguiu tomar o centro da região que corresponde o atual México.

Portanto, Cortés tornou-se o comandante absoluto da região, e sua fama chegou até à Europa. Preocupado que Cortés pudesse fundar um reino tão grandioso quanto o seu e rebelar-se, o Rei da Espanha exigiu o seu retorno ao continente, para provar sua lealdade. Cortés ainda chegou a passar vários anos na América, defendendo o território conquistado e buscando confirmar o título de Vice-Rei. Porém, acusado

⁵Informações retiradas do verbete da Wikipédia - "Hernán Cortés- O Conquistador".

Historiografia de Hernán Cortés: o Conquistador (?)

de assassinar sua esposa, em 1540, voltou à Espanha e enfrentou ações legais. O que prejudicou muito sua imagem perante a Coroa. Em 1547, morreu pobre e sem títulos, não lembrava em nada sua gloriosa figura forjada em 1521. (PISSURNO, 2020)

IMAGENS SOBRE CORTÉS

Como uma figura histórica, Cortés foi visto e revisto de diversas formas em diversos tempos diferentes, e essas visões sobre os vários “Cortezes” servem a propósitos diferentes. As imagens sobre Cortés estão relacionadas com as épocas em que foram construídas e a memória desse personagem está sempre associada à compreensão da Conquista espanhola e da relação dos espanhóis com os povos nativos. A chegada dos europeus ao Novo Mundo, além de inserir um novo protagonista, o conquistador, mudou as formas preexistentes de registrar o passado, fazendo com que imperasse a ótica europeia. O que escrevia o conquistador passou a ser o porta-voz da história. As fontes espanholas foram vistas como oficiais (verdades absolutas) e o ponto de vista dos nativos conquistados foi desprezado ou silenciado por um bom tempo. (MORAIS, 2011)

CORTÉS POR CORTÉS

Para relatar seus serviços ao Rei da Espanha, Carlos V, ou seja, se exaltar e mostrar seus feitos como servo fiel, ele escreveu ao todo cinco cartas de relação, apresentando suas ações, as características dos nativos e da região que se tornaria a Nova Espanha.

Cortés detalhava bem os acontecimentos que vivenciava nessas terras além-mar, correspondente à atual mesoamérica. Se colocando num papel de submissão e humilde servo, a serviço do Rei da Espanha e, sobretudo, de Deus. Com um relato majoritariamente em primeira pessoa do singular, ressaltava suas dificuldades, como: passar fome, sede e frio, assim como, todas as lutas sangrentas que participou. O que fazia seu feito se tornar mais grandioso. Em muitas passagens, se apresentou agindo sozinho, como, por exemplo:

"Antes que os nativos pudessem se juntar, queimei seis pequenos povoados e prendi e levei para o acampamento quatrocentas pessoas, entre homens e mulheres, sem que me fizessem qualquer dano." (CORTÉS, Hernán, p. 41, 1520).

Esses relatos evidenciavam seu objetivo de apresentar-se como um verdadeiro cavaleiro, lutando em nome do Rei e de Deus, o que deveria render-lhe boa fama, honrarias/títulos, riqueza e, sobretudo, legitimar as terras, pacificadas. Foram através desses escritos idealizados, que se construiu a primeira imagem de Cortés: conquistador, civilizador e uma personificação do cavaleiro dos romances de cavalaria.

A partir de 1521, Cortés viveu anos de glória e recebeu o título de nobreza. Foi festejado e celebrado. Por um tempo, o europeu, enquanto vencedor, contou como o processo da conquista ocorreu e como foram os feitos de seus homens, em especial, os feitos de Cortés. Vale ressaltar que, a construção

Historiografia de Hernán Cortés: o Conquistador (?)

desse personagem se deu antes da conquista em si, com seus próprios relatos sobre o território, recém descoberto.

Por ter participado ativamente dessa empreitada, seus relatos foram recebidos como fatos. Porém, suas cartas não representavam a realidade, e sim sua interpretação da mesma, que tinha um objetivo específico. Essa construção em primeira pessoa, oriunda do séc. XVI, incorporava suas aspirações. Sua narrativa também estava associada à Igreja e aos valores cavaleiresco, muito própria da Idade Média. Esse lado de romance de cavalaria, podia ser observado nas cartas, através dos relatos de aventuras, amores, traições, atos piedosos e impiedosos, mas sempre heróicos.

Os cronistas religiosos, do mesmo século (XVI), apropriaram-se de seus escritos e o enxergaram como um cavaleiro cristão, imagem também positiva. Interpretando o processo como "os judeus saindo do Egito", ou seja, a vitória sobre a idolatria, e a conquista da Terra Prometida. Enquanto, Cortés como Moisés, livrou os indígenas da danação eterna.

O NOVO CORTÉS DO SÉC. XVI

Por outro lado, havia o frei dominicano, Bartolomé de las Casas (1484-1566), seu contemporâneo e outro personagem relacionado à conquista. Las Casas tinha uma imagem bem negativa de Cortés, que se aproximava mais com a imagem de genocida. Hernán Cortés era o comandante, logo, era quem ordenava os massacres, sendo assim, era visto como o pior de todos, pois ultrapassava qualquer um em termos de crueldade. Assassinou, roubou e destruiu todo o território. E perante ao Rei espanhol, se justificou afirmando que os nativos eram cruéis, iníquos e gente sem fé, que deveriam ser mortos a "ferro e fogo."

Narrativa bem oposta a das cartas de Cortés, que originou outra imagem sua, durante o séc. XVI. Diferente do herói, apresentado na outra, Las Casas denunciava as violências contra os indígenas, e seu grande destaque foi a obra "Brevíssima - relação da destruição das Índias" de 1542. Que retratava as explorações e abusos cometidos pelos espanhóis. Para esse religioso, os colonizadores perderam a fé, e iriam arder no inferno. Suas cartas tinham o estilo da época, assim como, as de Cortés, e eram embasadas por argumentos aristotélicos, para defender sua visão e os indígenas. Sua passagem na América foi curta, não fez muito, mas seus escritos e denúncias ecoaram na Europa.

O Cortés heróico, de seus próprios escritos, deu espaço ao tirano, ladrão e assassino da visão lascasiana.

O CORTÉS NA VISÃO INDÍGENA (ALIADOS E INIMIGOS)

Paralelamente a essa imagem de tirano, ainda havia a imagem positiva sobre Cortés. Diego Muñoz Camargo (1529-1599), um cronista mestiço do séc. XVI ao escrever a História de Tlaxcala, defende o ideal que Cortés, assim como, os espanhóis traziam consigo, vistos como os servidores de Deus que livrariam a futura Nova Espanha do demônio. Esse cronista acreditava que Cortés era imensamente amado pelos

Historiografia de Hernán Cortés: o Conquistador (?)

tlaxcaltecas,⁶ que por sua vez, ofereceram suas filhas para que se unissem aos espanhóis, para que essa geração corajosa e destemida nunca desaparecesse.⁷

Já em uma produção de indígenas inimigos - os "Anais de Tlatelolco", Cortés era referenciado em sua grande maioria como "Capitão", ignorando questões hierárquicas militares. Sendo apenas um referencial de uma pessoa que era apresentada como o líder do grupo rival, ao povo protagonista da trama, os Tlatelolcos.⁸ "Haviam oferecido isso ao capitão por ordem de Montezuma, só para que ele, o capitão, voltasse para o lugar de onde vinha. Essa foi a incumbência do cuetlaxteca." (BAUDOT; TODOROV, p.220).

Cortés era um homem que aparentava inicialmente gostar de diplomacia e se preocupava com o povo Tlatelolco.

"Então Malintzin lhes disse:

'Vinde! O capitão diz: - Que pensam, pois os mexicanos? Acaso Cuauhtémoc ainda é um garotinho? Não tem piedade das crianças bem-amadas, das mulheres bem-amadas? Então os velhos vão perecer dessa maneira? Porque é justamente aqui que se encontram os senhores de Tlaxcala, Huexotzinco, Cholollan, Chalco, Acolhuacan, Quauhnahuac, Xochimilco, Mizquic, Cuitláhuac, Colhuaca!'

'Ele disse: Será que os tenochcas estão zombando do mundo? Por isso o coração das cidades que eles governam sofre muitas dores! Assim, pois, deixem os tenochcas sozinhos para que morram sozinhos! Acaso o coração dos tlatelolcas vai sofrer por nada, porque assim vão perecer esses tenochcas, quando estiverem rindo deles?"

(BAUDOT; TODOROV, p.231)

Mas a mesma (diplomacia) não parece corresponder com as ações que ele e o seu povo emprega. O autor, um tlatelolco desconhecido, também expõe em algumas situações o surgimento de raiva de Cortés, ao receber oferendas, o que não era de seu agrado, portanto, respondia com violência.

"Diante do capitão ofereceu-se um sacrifício. Então ele se encolerizou. Quando lhe ofereceram sangue numa Cabaça de Águia, ele matou o que lhe oferecia o sangue, golpeou-o com a espada. Então por essa razão, todos os que lhe tinham ido dar as boas-vindas dispersaram." (BAUDOT; TODOROV, p.220)

Além da alcunha de capitão, ainda podia-se encontrar duas outras formas de referenciar Cortés pelos indígenas aliados, como, o de capitão-deus utilizado pelos tlaxcaltecas: "Então os tlaxcaltecas indagaram: 'De onde sois?' Eles responderam. Então: 'Bom. Sois vós que procuramos. Vinde, pois! O capitão-deus vos chama'" (BAUDOT; TODOROV, p.230). E também é chamado de deus, como forma de dar valor a imagem do Cortés ao identificar nele uma figura divina para aqueles que o seguiam: "O deus disse então:

⁶Povo indígena, da cidade de Tlaxcala, uma região não subjugada ao Império Asteca, que se aliou aos espanhóis contra os mexicanos.

⁷MUÑOZ CAMARGO, Diego. Historia de Tlaxcala. In: BAUDOT, Georges; TODOROV, Tzvetan. (org.). Relatos astecas da conquista. Tradução de Luiz Antonio Oliveira de Araújo. São Paulo: Editora Unesp, 2019. p. 287-355.

⁸Povo indígena, oriundos de Tlatelolco, uma cidade vizinha a Tenochtitlán e uma das principais cidades da cultura asteca. Falavam a língua nauatl e eram aliados de Montezuma (dos mexicas), contra os espanhóis.

Historiografia de Hernán Cortés: o Conquistador (?)

‘Ide dizer a Cuauhtémoc! Que deliberem! Que deixem tenochcas sozinhos! Agora vou me deslocar para lá, para Teocalueyacan. Como deliberastes? É lá que a vossa palavra nos chegará. E agora uma nave me levará a Coyacan.’ (BAUDOT; TODOROV, p.231)

O CORTÉS DO SÉC. XIX

Sem uma renovação metodológica, a história acadêmica do século XIX se apropriou de documentos antigos, e fez significações pertinentes a sua contemporaneidade. Baseando-se em fontes consideradas oficiais e espanholas, e apresentando o historiador como cientista racional e possuidor da verdade, destacou-se a obra de William Prescott (1796-1859) e Leopold Von Ranke (1795-1886). Estes fizeram uma leitura dos escritos com base em visões imperialistas, nacionalistas e com valores de superioridade de raça. No período, também ganhava força a ideia do: "Fardo do Homem Branco", levando civilização mundo afora.

O índio foi visto como o bom selvagem, dócil e domesticável. O europeu como civilizador e superior, levando o progresso. Cortés, por sua vez, dominava a técnica, possuía maior racionalidade e por isso soube conquistar o território. Era mais inteligente e forte que o indígena, que por sua vez, era bárbaro, pois se defendia com armas rudimentares e, supersticioso, acreditava no sobrenatural e que os espanhóis eram deuses.

William H. Prescott, primeira grande referência contemporânea sobre a Conquista do México, escrevendo no século XIX. Trabalhava com uma concepção de que os índios não possuíam história, eram privados de temporalidade e marcados por profecias. Prescott, teve uma interpretação da Conquista centrada no heroísmo de Cortés e essa visão baseada em fontes espanholas, tornou-se bastante influente. Valorizando o pensamento espanhol, que para ele seria, muito mais racional e superior do que o dos astecas. Tendo como base principalmente os escritos e a atuação de Cortés sobre a Conquista, Prescott relatou como um punhado de homens (superiores) conquistaram um contingente de indígenas (inferiores). (KALIL, 2019)

Assim, reforçaram novamente a imagem do Cortés heróico e corajoso. Sendo assim, Prescott leu as cartas de Cortés como verdades absolutas.

O CORTÉS DA MEMÓRIA HISTÓRICA MEXICANA

Ainda no séc. XIX, com a Independência do México, em 1810, e sua construção como Estado-Nação, a dual imagem de Cortés renasceu. Conservadores e liberais enxergavam seu passado de formas distintas, mas ambos queriam romper com o passado, o "atraso". Sendo assim, a República reescreveria uma nova história.

Historiografia de Hernán Cortés: o Conquistador (?)

Os liberais queriam exaltar suas origens indígenas, já os conservadores, sua ligação com a Europa e os conquistadores. Logo, os liberais seriam herdeiros de Las Casas e os conservadores do discurso heróico de Cortés. Em um primeiro momento, essa renovação não passava por um país mestiço, ou prevalecia uma visão ou a outra. (MORAIS, 2011)

Os jovens críticos mexicanos liberais buscando outra forma de ler os mesmos eventos, emergiram no cenário político. Escritores como Vicente Riva Palacio, Ignacio Manuel Altamirano, Lorenzo de Zavala, José María e Luis Mora, ressaltavam em seus textos a glória de Cuauhtémoc, último soberano asteca “o obstinado guardião do México livre e independente, cuja tortura e assassinato expunham os abusos do sistema colonial, do qual se buscava livrar o país dos seus resquícios.” (FULTON, 2008, p.47) Altamirano, sintetiza a dicotomia entre Cuauhtémoc e Cortés, afirmando que de todas as formas, o líder mexicano foi e é o herói e Cortés o bandido.

Na busca de um México unificado, com Porfirio Díaz (1876-1911), a história e, sobretudo, as imagens de Cortés foram repensadas. Buscava-se agradar a todos, criando uma história comum e integradora. E assim surgiu o México *Mestizo*, nem branco e nem puramente indígena. Cortés passaria a ser uma figura intermediária, responsável pela dor indígena, porém, todavia, também pela formação do México mestiço.

O continente americano representado pela mãe virgem, violada pelo conquistador europeu (pai), que deu a luz ao México (filho). Hernán Cortés visto como o pai dessa violência, que por vezes foi esquecido dentro dessa renovação historiográfica e construção da memória mexicana. (MORAIS, 2011)

CORTÉS NO SÉCULO XXI

Segundo Matthew Restall (2006), Cortés é o personagem emblemático da conquista da América e foi elevado à categoria de modelo para a história. Ainda no século XVI, teve-se início a promoção da imagem cortesina, com as cartas de relação (em que ele dá satisfações ao rei sobre suas conquistas e descobertas, relatando suas riquezas e ao mesmo tempo, fomenta seu protagonismo e a sua auto-imagem) e que rapidamente são publicadas na Espanha, promovendo a “Conquista” como uma realização de Cortés. Cortés revela-se no século XVI, como um notável agente divino, o Deus (cristão) estava ao seu lado, por isso prestava bons serviços a Deus e ao imperador espanhol. De acordo com Motolínia (um frei franciscano do XVI), Cortés amou e defendeu os índios.

Nesse mesmo livro “Sete mitos da Conquista espanhola”, Restall (2006) buscou desconstruir essa imagem de Cortés como um homem excepcional. Para ele, Cortés nada teve de original em seus atos, e nem os espanhóis usaram de táticas inovadoras e exclusivas. Vários dos atos empreendidos na Conquista, já faziam parte de ações já seguidas, tanto por europeus em suas guerras e expansões imperiais, quanto por ameríndios que desenvolveram estratégias para construção de amplos impérios. Cortés nada fez de excepcional ao buscar por intérpretes, esse ato não o destacou como superior. A procura por intérpretes já era usual bem antes de Cortés realizá-la. Ademais, Restall (2006) chamou a atenção para a necessidade de

Historiografia de Hernán Cortés: o Conquistador (?)

se reconhecer o contexto e a proporção do processo da Conquista, sendo que o mito dos homens excepcionais (como Cortés a título de exemplo), com a exaltação de um personagem como o impulsionador imprescindível, simplificava o processo a alguns personagens, marginalizando outros participantes cruciais, como africanos e ameríndios.

CONCLUSÃO

As imagens apresentadas representam as memórias de Hernán Cortés, ora as construções foram positivas, ora negativas. Associando-o como herói, conquistador, civilizador e ou genocida, sem compaixão. Por tanto, a figura de Cortés foi lida e relida de distintas maneiras ao passar dos séculos, respaldadas por interesses. Imagens distintas do mesmo personagem, que dão informações sobre o período em que cada uma foi construída.

No México, não é um personagem exaltado, lhes reservam a violência, como o intermediário da destruição e criação. Pouco é lembrado neste novo México mestiço. Sem monumento, e enterrado em um túmulo simples, aos fundos de uma pequena capela, a "Paróquia de Jesús Nazareno e Inmaculada Concepción", de um hospital da Cidade do México, que nem ponto turístico é. Cortés foi da glória ao esquecimento, apesar de ainda existir nos relatos referentes à Conquista.

REFERÊNCIAS

Anais de Tlatelolco. In: BAUDOT, Georges; TODOROV, Tzvetan. (org.). Relatos astecas da conquista. Tradução de Luiz Antonio Oliveira de Araújo. São Paulo: Editora Unesp, 2019. p. 217-243.

Cortés: **Segunda e terceira cartas de relação.** IN: CORTEZ, Hernán. A Conquista do México: Porto Alegre, Lpm, 2004.

Hernán. Direção: Julián de Tavira e Curro Royo. México/Espanha: 2018. (Temporada 1 - 8 episódios).

Hernán Cortés - O Conquistador. Wikipédia. Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Hern%C3%A1n_Cort%C3%A9s#:~:text=For%C3%A7ados%20pela%20situa%C3%A7%C3%A3o%20desesperadora%20e,conhecida%20como%20a%20noite%20triste.> Acesso em: 30 de Ago. de 2020.

KALIL, L. G.; FERNANDES, L. E. **Narrando a Conquista:** como a historiografia leu e interpretou os acontecimentos ocorridos no México entre 1519 e 1521. História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography, v. 12, n. 30, 27 ago. 2019. pp. 73-76.

LAS CASAS, Frei Bartolomé de. **O paraíso destruído:** a sangrenta história da conquista da América espanhola. Coleção Descobertas. Editora L&PM. Várias edições. Cap. 7 e 8.

MORAIS, Marcus Vinícius de. **Epílogo** In: Hernán Cortez: civilizador ou genocida? São Paulo: Contexto, 2011.

MORAIS, Marcus Vinícius de. **Hernán Cortés:** a Memória do Conquistador. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), (ISSN: 2359-0831 - *on line*), Belém, v. 09, n. 01, p. 67 - 77, jan.-jun. / 2022.

Historiografia de Hernán Cortés: o Conquistador (?)

MUÑOZ, Diego Camargo. **História de Tlaxcala**. In: BAUDOT, Georges; TODOROV, Tzvetan. (org.). Relatos astecas da conquista. Tradução de Luiz Antonio Oliveira de Araújo. São Paulo: Editora Unesp, 2019. p. 287-355.

PISSURNO, Fernanda Paixão. **Hernán Cortez**. Infoescola. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/biografias/hernan-cortez/>> Acesso em: 30 de Ago. de 2020.

RESTALL, Matthew. **Sete mitos da conquista espanhola**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. **As conquistas de México-Tenochtitlán e da Nova Espanha**: Guerras e alianças entre castelhanos, mexicas e tlaxcaltecas. História Unisinos 18(2):218-232, Maio/Agosto 2014.

77

Texto recebido em: 22/07/2021

Texto aprovado em: 22/05/2022

